Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo, v. 11, n. 2/3, p.45-55, maio/dez., 2000.

ARTIGO

O PROGRAMA PERMANENTE COMPOSIÇÕES ARTÍSTICAS E TERAPIA OCUPACIONAL (PACTO): UMA PROPOSTA DE ATENÇÃO NA INTERFACE ARTE-SAÚDE

Ana Lucia Borges da Costa[1], Daniela Figueiredo Canguçu[1], Eliane Dias de Castro[1], Elizabeth Araújo Lima[1], Erika Alvarez Inforsato[1], Leonardo José Costa de Lima[1]

COSTA, A.L.B., CANGUÇU, D.F., CASTRO, E.D., LIMA, E.A., INFORSATO, E.A., LIMA, L.J.C. O programa permanente composições artísticas e terapia ocupacional (PACTO): uma proposta de atenção na interface arte-saúde. *Rev. Ter. Ocup.Univ. São Paulo*, v.11, n.2/3, p.45-55, maio/dez., 2000.

RESUMO: Neste artigo, relata-se a construção de uma proposta na qual se utiliza recursos da Arte e do Corpo em atendimentos de Terapia Ocupacional a grupos com população heterogênea. O trabalho com esses recursos contribui para um processo de constituição grupal e circulação social; compreende a criação de práticas extra-institucionais, que se destinam à invenção de novas maneiras de estar e de existir nos processos sociais, e de um método de trabalho que se localiza na interface da Arte e da Saúde. Esta proposta é parte integrante das atividades do *Laboratório de Estudo e Pesquisa Arte e Corpo em Terapia Ocupacional* da FMUSP, e encontra suas referências básicas nos movimentos contemporâneos que vêm ocorrendo no campo da Reabilitação.

DESCRITORES: Adolescência. Arte/tendências. Prática de grupos. Terapia ocupacional/métodos. Terapia ocupacional/tendências.

[1] Terapeutas Ocupacionais do Laboratório de Estudo e Pesquisa ARTE E CORPO EM TERAPIA OCUPACIONAL do Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo.
Endereço para correspondência: Departamento de Fisioterapia, Fonoaudiologia e Terapia Ocupacional da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo. Rua Cipotânea, 51. 05360-160. São Paulo, SP. E-mail: centroto@edu.usp.br

ANTECEDENTES

Construindo uma nova perspectiva de atenção em Terapia Ocupacional

A partir da década de 80, pudemos constatar dois movimentos no interior das propostas de atenção à saúde que fortalecem atuações interdisciplinares, e que vão produzir novos sentidos nas práticas da Terapia Ocupacional:

- a organização das pessoas com deficiência que introduziram novos conceitos e propostas de abordagem desta questão, influenciando assim a atitude geral dos técnicos, da população, e promovendo a luta por direitos às mesmas oportunidades que outros cidadãos, e a melhoria das condições de vida e do ambiente em que vivem; e
- as propostas de desinstitucionalização psiquiátrica que introduziram experiências teórico-práticas singulares para lidar com a complexidade das demandas que o trabalho com a psiquiatria exige, contemplando um movimento pelos direitos civis, construindo propostas de transformação concreta da vida dos pacientes que auxiliem na reconstrução plena da cidadania.

Esses movimentos engendram uma nova noção de Reabilitação, que têm como sentido a construção dos direitos substanciais (afetivos, relacionais, materiais, habitacionais, produtivos e culturais) dos pacientes e, um interesse em pesquisar a transformação de fato ocorrida nas dinâmicas sociais, culturais, econômicas dos doentes mentais, dos deficientes e das populações chamadas "excluídas" (SARACENO, 1995, p.11)[19].

No âmbito das atividades empregadas em Terapia Ocupacional, essa nova vertente se traduz, entre outras, na necessidade de produzir possibilidades concretas à essas populações, de acesso a eventos e serviços artístico-culturais. Dessa forma busca-se garantir que pessoas com deficiências, transtornos clínicos e mentais, sejam incluídas nessas atividades e possam participar delas numa base igualitária, assegurando a oportunidade de usarem seu potencial criativo, artístico e intelectual (ONU, 1996)[10].

As atividades corporais e artísticas proporcionam uma experiência de transformação: dos materiais, da natureza, de si mesmo, do cotidiano, das relações interpessoais, do mundo e da cultura em que se vive. Através delas, desenvolve-se a possibilidade de instauração de um estado de criação permanente, da criação de novos modos de ser, dentro de uma processualidade própria, onde o fundamental é a comunicação e o diálogo com novas formas e configurações. Elas propiciam a inclusão do indivíduo em grupos e redes de interação social, caracterizando-se como uma proposta de trabalho bastante dinâmica, em constante construção.

O PACTO: articulando ensino, pesquisa e extensão universitária

O Programa Permanente Composições Artísticas e Terapia Ocupacional (PACTO), foi criado com suas raízes plantadas nos movimentos anteriormente citados, e no seu cotidiano tenta articular ensino, pesquisa e extensão universitária pois sendo um projeto implementado no interior da Universidade não se desvincula das principais ações por ela desenvolvidas.

Em sua estrutura assistencial o programa se propõe a acompanhar grupos em atividades plásticas: pintura, desenho, modelagem, colagem e outras; e corporais: dança, relaxamentos e trabalhos corporais. Compreende o fazer artístico, a atualização cultural e a divulgação das produções realizadas. São objetivos desta proposta: garantir aos participantes a oportunidade de desenvolver seu potencial criativo, artístico e intelectual; acompanhar os participantes, usuários ou não de serviços de saúde, em atividades grupais que ampliem seu universo de relações facilitando seu processo de crescimento pessoal; e, viabilizar o acesso dos participantes a eventos culturais da contemporaneidade.

Atualmente o programa atende a dois grupos, um de adolescentes e um de adultos, que são formados a partir de uma divulgação inicial em serviços de saúde e na própria comunidade da Universidade de São Paulo. Esses grupos são constituídos a partir de uma demanda espontânea ou por encaminhamentos dos serviços de saúde. Cada interessado é recebido num atendimento inicial, caracterizado por inscrição e agendamento de entrevistas, nas quais é abordada uma breve história de vida, aspectos relevantes de sua saúde, as expectativas e experiências dessas pessoas em relação às atividades oferecidas. São grupos organizados de forma heterogênea, não havendo uma composição por diagnóstico ou patologias, o que importa é o interesse da pessoa pela proposta.

Os grupos são compostos por aproximadamente vinte usuários, acompanhados no mínimo por dois terapeutas ocupacionais e estagiários, e cada encontro tem a duração de 3 horas. Além disso são organizadas atividades culturais que variam entre visitas a exposições de arte, a ateliês de artistas, peças teatrais, espetáculos de dança, concertos musicais e shows, escolhidos grupalmente ou selecionados pela coordenação dos

grupos, dependendo do que se pretende enfocar no momento dos encontros ou das programações culturais da cidade. Nestas atividades a principal intenção é a de enriquecer as experiências culturais e o cotidiano dos participantes na direção da inclusão social. Atendimentos individuais, orientações pontuais e visitas domiciliares completam este programa, e são realizadas quando necessário possibilitando um olhar mais atento aos processos de cada participante.

Recursos da Terapia Ocupacional estão presentes na organização dos ateliês de atividades, no acompanhamento individual, na coordenação grupal, na programação, acompanhamento e ensino das atividades, nas avaliações dos trabalhos, no desenvolvimento das dinâmicas grupais, no auxílio da reestruturação das atividades do cotidiano e no desenvolvimento de alternativas para a inclusão social. A prática que está sendo construída no PACTO inaugura um novo repertório de possibilidades e experimentações, dando aos usuários a oportunidade de "ser" de várias maneiras.

O que se busca nesta prática,

> *"não é unicamente o confronto com uma nova matéria de expressão, mas a constituição de complexos de subjetivação: indivíduo – grupo – máquina – trocas múltiplas que oferecem à pessoa possibilidades diversificadas de recompor uma corporeidade existencial de sair de seus impasses repetitivos e de alguma forma, se resingularizar"* (GUATARRI, 1992, p.17)[5].

Um espaço habitável entre a arte e o campo terapêutico tem em si a função *poïética* de resignificar elementos dos universos subjetivos. Função *poïética* aqui entendida como aquilo que *"interessa à obra enquanto ela está em luta com o seu criador (...) o modo de existência da obra a fazer"* (REY, 1996, p.301)[16]. No PACTO, através de uma dinâmica inclusiva, oferece-se a cada participante a possibilidade de ressignificar a própria existência dentro de um entorno particular e precioso formado por uma trama de trilhas singulares, um micro universo cultural e artístico construído por todos. Um universo "micro", mas que se remete e se contextualiza no "macro": o social e o universo da arte. Uma prática particular, mas que tem lugar na cultura como prática social, e que, por esse motivo, é ressignificada e ressignificadora.

Neste ponto nos deparamos com um dos aspectos terapêuticos do PACTO, pois além do trabalho em grupo já proporcionar um olhar entre os participantes, sobre seus processos singulares e suas produções, existe a proposta de coletivizar essas produções, expondo-as em espaços públicos e artísticos porque entendemos que:

> *"...O trabalho clínico não se esgota na instauração de um estado de criação permanente, na criação de novos modos de ser. É preciso também que essas novas formas constituídas de existência, sua processualidade própria, bem como suas produções materiais, possam ganhar uma significação coletiva. Somente articuladas a uma rede de sustentação, fazendo sentido para um grupo ou para alguém, é que podem vir a criar novos territórios, assumindo e afirmando as diferenças que vão surgindo"* (LIMA, 1997, p.188)[7].

Outra função importante do processo de criação dentro do contexto da arte/saúde é a transposição para a vida cotidiana da vivência criativa com os materiais e recursos da arte e do corpo. Já que podemos considerar que a vivência/experimentação destes recursos promove a abertura de outros canais criativos que se ampliam para além do universo da Arte e se estendem aos acontecimentos cotidianos, enriquecendo-os.

ATIVIDADES

Os grupos são trabalhados em três momentos: um momento no qual são desenvolvidas as atividades artísticas plásticas, um outro momento de atividades corporais e o terceiro momento caracteruizado por um encontro para um café coletivo onde aspectos da convivência são experimentados. Trabalhar essas propostas de forma distinta parece facilitar o entendimento por parte dos participantes sobre que coisas podemos realizar em cada lugar, estabelecendo um certo enquadre.

No entanto, desde o início tentamos encontrar formas de relacionar as experiências plásticas e corporais de modo a integrá-las sem descaracterizá-las.

Arte e corpo

O trabalho com a arte e o corpo revela novas possibilidades de existência, novas formas de vida, pois através dele passamos a conhecer como as pessoas fazem as coisas e a compreender as diferentes formas do fazer. Na realização de atividades artísticas cria-se estados de arte e nos trabalhos com o corpo desenvolve-se cuidados e atenção, fatores que contribuem para a reorganização da vida das pessoas.

Essas experi6encias propiciam a criação de formas de ordenação, como esclarece OSTROWER[11]:

> *"As formas de ordenação implicam um depoimento do artista/artesão sobre suas vivências e sobre o sentido do ser: é isso que nos comove tão profundamente nas obras de arte. Elas estabelecem*

um diálogo conosco(...). É assim também que entendemos o fazer artístico, consciente ou inconscientemente, há sempre um depoimento sobre o sentido do viver... de qualquer modo, a essência da arte diz respeito ao nosso ser espiritual. É área de outros valores" (1988, p. 170)[11].

Trata-se, portanto, de proporcionar um conhecimento e uma experiência com recursos que auxiliam na transformação de rotinas e ordem estabelecidas e que oferecem às pessoas instrumentos que são para o seu próprio uso, permitindo o crescimento pessoal, o desenvolvimento da autonomia, a interação social e a inclusão cultural.

A experiência através dos trabalhos com o corpo dinamiza o reconhecimento de conteúdos vividos e um entendimento de como esses conteúdos nele se instalam. São utilizadas diversas abordagens como formas de intervenção entre elas: técnicas de relaxamento, eutonia, toques sutis, método Laban de Dança Educacional, método Feldenkrais, danças circulares, danças populares, danças afro-brasileiras e movimentos da capoeira. O trabalho com o corpo atua diretamente no contínuo processo de construção da imagem corporal, seu reconhecimento e identificação, relaciona-se ao sentimento do indivíduo sobre seu próprio valor pessoal e também sobre sua influência cultural.

Atividades artísticas - desenho, pintura, modelagem, e construções múltiplas, são campos expressivos, que dão oportunidade de manifestação de conteúdos vividos e condensados. São atividades que auxiliam no desenvolvimento de habilidades e do potencial criativo de cada indivíduo; trabalham com a emergência de conteúdos emocionais oferecendo continência, promovendo independência, flexibilidade do pensamento e conseqüentemente das atitudes cotidianas.

Arte e corpo apresentam pontos de confluência entre a necessidade de expressão humana e a constante construção da linguagem; são veículos, e podem tornar-se campos de referência para a comunicação de cada pessoa (CASTRO, 1999, p. 3)[4].

"Embora na arte possa existir objetividade, não há neutralidade, pois a linguagem é em si expressiva ... vale frisar que na arte só se formulam imagens de espaços vividos, nunca algum espaço absoluto ou qualquer tipo de concentração abstrata..." (OSTROWER, 1988, p. 175)[11].

Para LOWENFELD (1987, p.114)[8] a imagem corporal é uma parte integral da expressão criativa. Se o fluxo de expressão da imagem corporal é restrito, suprimido, ou inibido por forças emocionais, mentais ou sociais, uma série de motivações devem ser utilizadas para aliviar as pessoas dessas restrições, e encorajar a necessidade de expressarem-se livremente.

O início do relacionamento entre o indivíduo e o processo criativo baseia-se nessa grande sensibilidade do seu próprio corpo, e o trabalho com o criativo conduz a uma ênfase da função corporal e apresenta um envolvimento com o campo emocional. Para LOWENFELD (1987, p. 117)[8], no decorrer desse processo, que se manifesta de forma variada de pessoa para pessoa, lentamente se delineia o nascimento da autoconfiança e o desejo de apropriação da própria expressão.

A questão da expressão individual está relacionada à idéia modernista de representação da relação entre o sujeito e o objeto. Na contemporaneidade, a questão da expressão cede lugar à idéia de construção. Construção que supõe interrelação da interioridade do sujeito com o mundo que o cerca, ampliando sua ação expressiva com o conhecimento cultural. A herança cultural quando adaptada às necessidades do sujeito, torna-se fundamental para inseri-lo no seu espaço e tempo.

Nesse sentido, o trabalho com o enfoque no corpo e na arte possibilita à pessoa uma nova aquisição de liberdade e flexibilidade que será levada também às outras áreas da sua vida e da sua comunicação.

A integração dos trabalhos com arte e corpo na proposta do PACTO, torna-se um recurso de trabalho com a pessoa, sua expressão e seu desenvolvimento, que realizado em grupo promove uma extensão de suas referências humanas, auxiliando o indivíduo no processo de aceitação de si mesmo e abrindo espaços para a auto-realização a partir das vivências seqüenciais de atividades.

Nossa prática atual não se caracteriza como uma construção fácil. Ela requer um gosto e um interesse pessoal na proposta e uma vontade de conhecer materiais, técnicas, obras e de participar de exposições e atividades culturais, além da disponibilidade em mergulhar num processo de auto-conhecimento. É uma construção gradual, sensível e que proporciona um bem sucedido relacionamento entre o sujeito, sua atividade criativa e o meio social e cultural.

Este trabalho requer dos coordenadores uma formação atenta e continuada nos campos da Arte e do Corpo e um entendimento da construção de uma prática clínica baseada no exercício da cidadania. É ainda fundamental ressaltar que neste processo há uma troca de afetividade entre coordenadores e participantes. Quando esta situação é criada, alivia os indivíduos de restrições e permite maior flexibilidade nas ações, a expressão de emoções e o reconhecimento de habilidades. Aqui configuram-se situações de grande responsabilidade que podem despertar um processo de importantes mudanças.

Os campos de instrumentalização em abordagens corporais, o estudo e a prática das atividades artísticas,

nos permitem transitar num fértil campo de experiências que imprimem complexidade e transformação no papel técnico e no seu campo de intervenção.

Esta proposta se reflete também na forma de organização do trabalho, no "jeito" da equipe. Para nós a equipe não é a somatória de papéis técnicos codificados, e sim a capacidade de trabalhar conjuntamente, num espaço coletivo de ação e reflexão da prática, na construção dinâmica de um projeto de saúde, de produção de vida.

O trabalho com arte indica um caminho longo... "Caminho nada programado, de sofrimento e luta, caminho de vida" (OSTROWER, 1988, p.175)[11].

O café

No intervalo de aproximadamente 20 minutos entre o momento das atividades plásticas e das atividades corporais acontece o "café", configurando-se como uma terceira proposta, um espaço onde os participantes dos dois grupos vão se encontrar, se olhar, se esbarrar, se cumprimentar e compartilhar o ritual do café. Neste precioso momento foi-se visualizando o manejo das regras de convivência que para alguns já era o habitual e para outros parecia um ensaio: pedir para passar o açúcar, elogiar as frutas trazidas de casa por um dos participantes, fazer comentários sobre o que gostavam de comer e enfim "jogar conversa fora"... Aos poucos o rádio passou a ser incorporado no café dando ainda mais um caráter de informalidade. A criação por parte dos participantes de um fundo musical para este momento, além de trazer à tona a preferência musical de cada um, gera um espaço de descontração e divertimento à medida em que cantam a letra, batucam o ritmo seguindo a música, fazem coreografias que acompanham as músicas da moda que têm o costume de escutar... O café, neste sentido, vai ganhando um formato produzido pelos traços dos participantes onde as singularidades vão ficando bastante evidentes.

Parece muito interessante que este espaço também tenha a função de intervalo onde percebemos o instante de respiro, de tomar distância de uma proposta de trabalho, criando uma pausa. Este intervalo funciona como uma passagem de um momento de intensa produção, para uma nova experiência agora num outro campo expressivo.

MÉTODO

Investigando metodologias

O PACTO tem se constituído como uma prática possível e condizente com o campo da Terapia Ocupacional onde as habilidades, potencialidades podem ser desenvolvidas e as dificuldades podem ser gradualmente trabalhadas no sentido da melhoria da qualidade de vida dos participantes.

Torna-se um lugar de transição e elaboração entre a expressão pessoal com suas diferentes poéticas e as técnicas e metodologias empregadas no ensino das atividades artísticas.

A partir de um processo de investigação e pesquisa temos utilizado instrumentos e conceitos dos ateliês de Livre Expressão[(1)], da Metodologia Triangular de Ensino de Arte[(2)] e mais recentemente da Fenomenologia[(3)] para podermos pautar nossa prática.

Nesta perspectiva, o corpo é um corpo que sente e é sensível, vê e é visível. O conhecimento surge deste corpo vivente e suas experimentações; o ato de criação tem origem na formação da imagem, síntese das tensões vividas no corpo e projetadas na consciência. (ARANHA, 1999)[1].

Inspirados, à princípio na proposta de ensino de artes da Metodologia Triangular, buscamos construir uma metodologia própria onde entendemos que o processo do PACTO compreende um FAZER, um CONTEXTUALIZAR e um APRECIAR particulares, nos quais o sujeito está no centro da experiência o que nos coloca em contato com multiplicidades sócio-culturais, favorecendo uma redefinição dos laços sociais e redimensionamento do imaginário.

Nesta prática, buscamos também ampliar conceitos acerca do processo/produto e do olhar do terapeuta atento às relações interpessoais trabalhadas no cotidiano das atividades.

> *"É esse olhar que vai em busca das informações contidas nos procedimentos da realização de atividades. Essas informações, quando retidas, tornam-se referências para associações com as ocorrências atuais, tornando possível, tanto durante o processo quanto na apresentação do produto das atividades, manter uma caminhada, fazer desvios, prever resultados"* (BENETTON, 1994, p.39)[3].

---

(1) A livre-expressão é um paradigma que dominou a arte-educação durante os anos 40 e 50, que enfatiza mais o processo do que o produto, caracteriza a arte principalmente de "dentro para fora", como um processo de auto-descoberta. (PILLAR; VIEIRA, 1992, p.4)[13].

(2) A Metodologia Triangular de Ensino de Arte baseia-se em três pilares básicos: história da arte, fazer artístico e apreciação da obra de arte e foi introduzida no Brasil através dos trabalhos realizados pela arte educadora Profa. Dra. Ana Mae Barbosa (PILLAR; VIEIRA, 1992.)[13].

(3) Na pesquisa qualitativa com a fenomenologia como suporte, há o sujeito numa situação, vivenciando os sentidos que surgem de sua experiência vivida e os desenvolvendo através de sua expressão. (ARANHA, 1999)[1].

O fazer, no PACTO, é fundamentado no interesse dos participantes em atividades artísticas e corporais, e na construção do aprendizado de técnicas numa rede de convivência, compreendendo a experimentação de potencialidades individuais permeadas por encontros entre os sujeitos e um fazer grupal através da instauração de uma produção compartilhada.

As necessidades e habilidades individuais dos participantes são integradas nas propostas de atividades, redirecionando o percurso e os resultados propostos pelos ateliês.

A contextualização não é entendida de maneira pontual, e se dá através da percepção de cada participante de sua produção dentro do processo e da história do grupo e, que se estende para uma percepção da produção grupal dentro do contexto cultural e, para as possibilidades de produzir alguma intervenção na comunidade em que vive. Através de atividades sócio-culturais e exposição dos trabalhos realizados em espaços públicos, procuramos ampliar as relações com o meio artístico e contemporâneo.

No processo dos grupos do PACTO, apreciar seria dizer das dificuldades, possibilidades, potencialidades, dos encontros consigo mesmo, com o grupo e com as produções artísticas e a Arte, apropriando-se de técnicas e conceitos, aprimorando o fazer a partir do olhar do grupo. Criar formas de apreciar o mundo e ampliar a experiência perceptiva.

Cabe aqui algumas considerações sobre Processo e Produto nos atendimentos do PACTO. Inicialmente nossa proposta é ampliar a percepção e a apropriação de processos individuais por parte dos integrantes, permitindo-lhes falar e compartilhar suas experiências com o grupo e levá-los a perceber e apropriar-se também dos processos grupais, trilhando um percurso grupal. A obra/produto também é vista como "processo". A obra avança não a partir de um projeto pré-estabelecido, mas segundo um processo de apropriação individual e coletiva.

"A obra (de arte) é o próprio processo de formação levado a termo. Assim, cada momento desse processo contém em si todo o movimento" (PAREYSON, 1991, p.3)[12].

Não há, portanto, uma separação entre processo e produto, pois ambos se contém e são contidos quando se considera a obra como processo, construção, "devir", obra sendo processada e processando o autor.

Torna-se imprescindível à atuação do terapeuta ocupacional no PACTO a Análise das Atividades e o planejamento dos grupos, ateliês e atividades externas baseados nos relatos das experiências individuais e grupais e nas suas observações, buscando uma integração dos aspectos da abordagem corporal, das artes plásticas e da reabilitação psicossocial.

A busca de uma integração entre Arte/Corpo e Terapia Ocupacional tem sido uma preocupação metodológica importante no processo de realização das atividades.

O PACTO ADULTOS

Trabalho em grupo

A formação do grupo de adultos no PACTO teve início em maio de 1998.

Por uma ampla divulgação deste trabalho no Programa Lazer com Arte para a 3ª idade (MAC-USP) grande parte deste grupo inicial foi constituído por pessoas nesta faixa etária mas não exclusivamente, pois desde o início tínhamos a preocupação de formar grupos que se caracterizassem pela heterogeneidade, o que se garantiu pela presença de outros integrantes que não faziam parte dessa população em especial. A heterogeneidade se fazia presente, principalmente, pela dinâmica individual de cada participante.

Organizamos uma rotina semanal com trabalhos com diversas abordagens corporais a "pausa" para o café e, o espaço de ateliê, onde privilegiou-se inicialmente a pintura como atividade plástica.

As relações e conexões entre os trabalhos com o corpo e atividades desenvolvidas no ateliê estiveram em pauta em diversas reuniões de equipe. Como integrar estes dois momentos? Como fazer paralelos? Seriam os coordenadores responsáveis por fomentar essa discussão ou os próprios participantes fariam suas relações e amplificações?

Alguns depoimentos, durante um ano e meio de trabalho, vão nos mostrando que ao longo do processo vivencial de cada participante essas conexões vão tomando forma e significados:

> *"...percebo, hoje, que as vivências com o corpo, os conhecimentos que adquirimos aqui, podemos utilizar no ateliê... se percebo como é o meu pé, posso também modelar melhor um pé..."*

> *"...percebi, através dos trabalhos corporais, como me relaciono com as pessoas, principalmente da minha família... fui percebendo, aos poucos, com a ajuda dos trabalhos corporais (que me conscientizam do meu corpo) outras possibilidades de relacionamentos..."*

Na prática do ateliê, essa relação configurou-se quando os participantes mostraram-se interessados em explorar as possibilidades plásticas dos pés. Num primeiro momento, preparou-se este "instrumento de trabalho" através de massagens para, então, passar a explorar o papel, utilizando tintas e os pés para definir contornos, ritmos, impressões e formas.

Esta atividade se desdobrou com outras propostas de intervenções plásticas e resultou não só em um belíssimo painel como também na oportunidade do grupo vivenciar seu primeiro trabalho em conjunto, com todas as dificuldades e riquezas inerentes a estes processos.

As necessidades e interesses do grupo foram aos poucos dando um contorno diferente aos trabalhos desenvolvidos. Uma mudança de atividade no ateliê, da pintura para a cerâmica, veio de encontro ao pedido de vários integrantes e trouxe repercussões importantes na dinâmica individual e grupal, fato percebido pelos integrantes até mesmo pelas próprias características do material utilizado.

Um dos integrantes do grupo, ao apontar as diferenças entre as atividades, diz:

> *"... consigo seguir meu próprio ritmo, não preciso e nem posso terminar a atividade no dia... antes, achava que tudo que iniciava aqui (no ateliê) precisava terminar o mais depressa possível... como está sendo importante para mim trabalhar o fator calma, aprender a fazer somente o que dá tempo..."*

O tempo de permanência no Programa não é pré-estabelecido, dessa forma os contratos podem ser renovados a partir de uma avaliação da equipe e do interesse do participante. Assim, hoje o grupo é constituído por pessoas que desde a implantação do programa estiveram presentes e por outras que posteriormente foram encaminhadas por serviços de saúde ou que espontaneamente nos procuram interessadas na proposta.

Os momentos de avaliação, principalmente após os trabalhos corporais, têm se constituído em um espaço importante de trocas, espaço acolhedor e propulsor de crescimento individual e grupal. Um dos integrantes, presente desde a implantação, recentemente trouxe uma observação pertinente em relação à percepção do grupo como um todo:

> *"... há uma intimidade maior no grupo em relação ao trabalho corporal";* outro integrante completa: *"... o grupo está aprendendo mais rápido, está mais coordenado".*

A prática do PACTO tem sido enriquecida pelas atividades externas que vêm possibilitando, além da complementação e ampliação dos trabalhos propostos no programa, uma ponte importante com as produções culturais presentes na cidade.

Neste contexto, um evento em especial merece destaque: a participação do PACTO na festa MULTIPLACIDADE (promovida pela Associação Franco Basaglia e Clube do Basaglia) através das apresentações de danças circulares[4] e da exposição de trabalhos de pintura o grupo pôde ampliar suas experiências mostrando e compartilhan-do suas produções, abrindo-se para novos relacionamen-tos, novos conceitos de saúde mental.

A atuação do terapeuta ocupacional

Fazer atividades junto aos participantes é uma forma mais dinâmica e interativa de acompanhá-los. O fato de não só orientar e coordenar o grupo, mas também participar da realização da atividade, cria novas possibilidades de relação, pois o corpo/ação do terapeuta passa a ser utilizado como canal de comunicação. A atividade realizada em conjunto passa a ser não só um instrumento facilitador da exploração de possibilidades de movimentos dos usuários como também um campo onde o próprio terapeuta pode se experimentar e recriar sua atuação.

No trabalho corporal e nos ateliês de atividades plásticas podemos a cada semana vivenciar e observar o desenvolvimento de novas percepções individuais, de novas relações com o terapeuta e com o grupo. Esta avaliação continuada serve também para o planejamento das novas atividades que serão estímulos para novas vivências nos grupos posteriores.

A visão, a audição, os sentidos táteis, a sensibilidade cutânea, a coordenação, a expressão e a postura somados à atenção, à observação, à percepção, à memória e ao conhecimento técnico das atividades trazem ao terapeuta dados importantes para a apreensão da qualidade e possibilidades das atividades no grupo.

Atuar no grupo, torna-se, assim, um ato criador, trazendo um modo de empreender o conhecimento fundado na existência corporificada, o que justifica uma pedagogia dos sentidos, que promova um pensar não dissociado do corpo (LEME, 1998)[6].

Entendendo a expressão em reciprocidade, cria-se dentro da nossa atuação possibilidades múltiplas de construções de subjetividades, relações e integrações, onde o corpo, a fala, a ação e o universo cultural do terapeuta ocupacional ocupa um lugar fundamental.

A dança, a exploração de movimentos, o fazer artístico, nos dizem muito das possibilidades e limites de cada um, trazendo histórias pessoais inscritas e descritas no próprio corpo com todas as referências culturais e

---

(4) "As Danças Circulares representam uma retomada de antigas formas de expressão de diferentes povos e culturas, acrescidas de novas criações, coreografias, ritmos e significações próprias do homem inserido na realidade atual" (RAMOS, org. 1998, p.21)[14].

sociais de sua geração. Ao mesmo tempo, esse fazer nos chama para a realidade, para viver o tempo de agora, para experimentar o novo e a contemporaneidade.

O indivíduo se integra à atualidade quando realiza atividades artísticas e as contextualiza, faz um jogo dinâmico entre as sensações já vividas e as novas experimentadas, entre os conceitos previamente marcados no seu corpo e pensamento e os novos "gestos" que advém do contato com novas sensações, corpos, informações e contextos de arte contemporânea.

Seu papel social pode se transformar, à medida que passa a integrar essas novas referências ao seu dia-a-dia, provocando transformações nas suas relações familiares e no seu meio social.

Questões relacionadas com o cotidiano, sexualidade, conflitos familiares, aceitação ou não do envelhecimento aparecem nas constantes associações verbais entre as vivências nas atividades artísticas e corporais e seu dia-a-dia, bem como através da expressão/ ação corporal e produção gráfica e escultórica.

Os processos de integração grupal e social são ampliados com as atividades já mencionadas nas quais os usuários podem não só descobrir novas possibilidades de inserção cultural e social, como também ter seu acesso facilitado e estimulado pela ação grupal.

O PACTO ADOLESCENTES

Primeiras impressões

O grupo de adolescentes do PACTO é voltado a uma população que não se caracteriza pela idade cronológica mas pela vivência de algumas questões: a emergência da sexualidade genital, o crescimento e as transformações na imagem do corpo e no olhar que os outros deitam sobre ele; modificações no estatuto social e na demanda que esse social passa a fazer em relação às posições que se deve assumir; a preocupação com uma futura profissão ou trabalho que pudesse ser desenvolvido; o estranhamento com respeito a essas mudanças.

No entanto, estas questões não estavam todas colocadas para todos os jovens que recebemos. De fato, a palavra adolescente, presente nos folders que distribuímos e na divulgação que fizemos, serviu mais para assinalar um olhar que os adultos que encaminhavam ou traziam esses jovens depositavam sobre eles, ou inquietações deste mesmo adulto com este crescimento - o que já é um critério interessante, porque aponta para a convocatória que vem do olhar do outro.

Nas palavras de RUFFINO[18]:

> *"o instante que põe em marcha a adolescência se dá a alguém quando ele se vê convocado, desde o seu corpo e desde o olhar do outro, a ser algo diferente do que a criança"* (1995, p.41)[20].

No grupo a marca "adolescentes" serviu para constituir, talvez, o único traço identificatório entre esses jovens. Como um grupo formado por pessoas tão diferentes poderia se constituir? Como esses jovens poderiam desenvolver um sentimento de pertinência a este grupo?

O fato de designar este como "grupo de adolescentes", mais do que classificar, teve um efeito, em primeiro lugar de possibilitar a grupalização e depois de introduzir questões da adolescência ou talvez nomear certas inquietações como sendo da ordem desse acontecimento. Possibilitou também para nós, coordenadores, enxergar uma certa dinâmica adolescente nos ritmos, nas brincadeiras, nas formas como se relacionam.

Logo no primeiro encontro, um dos participantes pergunta a um dos estagiários: *"Você é adolescente?"*. Mais tarde surge o assunto sobre se irão ou não ganhar presentes no dia das crianças e então perguntas sobre sexualidade colocadas em termos de *"como faço para ter uma namorada?"* ou *" qual a diferença entre um bebê que mama no peito da mãe e um homem que suga o peito de sua mulher?"*.

O surpreendente para nós foi a força e a rapidez com que formaram-se vínculos no grupo, não somente em relação a nós, coordenadores, mas entre os participantes. As diferenças geraram solidariedade, afetividade e interesse entre eles, quando a formação heterogênea do grupo não permitia que se criasse uma identificação pelo sentimento de "somos iguais". A marca instituída na nomeação do grupo ("grupo de adolescentes"), e o fato de todos ocuparem uma posição social de diferença, produziram o reconhecimento no outro de uma interrogação que se faz presente em si mesmo: como ocupar esse lugar de movência da adolescência? Como nos diz RASSIAL[15]:

> *"Entre duas leis a criança brinca/o adulto* trabalha, a adolescência é o momento de uma *tentação nômade"* (1995, p.25)[15].

É surpreendente, emocionante e comovente ver uns auxiliando outros nas atividades, ou provocando-se com brincadeiras, ou ainda, criando gestos para nomear-se e novas formas de comunicar-se quando da entrada de uma jovem que não ouvia nem falava.

No desenvolvimento do trabalho, o "momento do corpo" é vivido por uns como instigante, por outros como prazeiroso, por outros ainda como ameaçador e perigoso.

Devagar e com cuidado vamos tentando fazer com que conheçam seu corpo - um corpo a cada dia novo e desconhecido - que se experimentem em novos movimentos, que percebam as diferenças dos corpos, dos ritmos, das intensidades de cada um.

E é impressionante como frutos deste trabalho vão aparecendo na expressão plástica, onde temos direcionado nossa intervenção no sentido da constituição grupal e da construção de um olhar que permita aprender a ver diferentemente.

Lidamos com corpos que vêem e são vistos e percorremos esse trajeto do visível dos trabalhos e dos corpos ao invisível das sensações e das emanações desses trabalhos e desses corpos, o invisível que transforma um vaso que vimos num passeio num trabalho plástico representante não só daquele vaso mas expressivo de um conjunto de experiências que ali ganha forma, cor, linha traço e sentido também pelo olhar do outro.

O enquadre

Para este grupo que traz questões da adolescência parece fundamental imprimir algo que possa conter todo o extravasamento, muitas vezes vivenciado neste momento. Um dos meninos parece nos fornecer uma visualização do que seria o movimento constante de extravasar: um dia, brincando com uma bola de plástico enorme fazia um percurso sobre a sala impulsionado-a com o auxílio de suas mãos em lugares apertados, mesmo tendo uma sala ampla para se movimentar, preferia passear com ela no espaço entre duas mesas arrastando-a bruscamente nas quinas. O limite que poderia ter vindo mais rapidamente da coordenação foi dado pela própria bola ao ser perfurada durante a brincadeira. Outra situação semelhante acontecia nos momentos de servir a bebida: ao colocar chá no copo este mesmo menino só conseguia parar quando o líquido transbordava, por mais que lhe avisassem sobre o incidente que estaria provocando. No ateliê, era comum vê-lo encharcar o papel com a tinta deixando-o mole ao ponto de rasgar. Conforme fomos nos deparando com situações em que a fala tinha pouco resultado, percebíamos a exigência de uma atitude que interrompesse aquele movimento tenaz, que contivesse esse transbordamento - como por exemplo tomar-lhe a garrafa de chá. O enquadre parece ajudar a acalmar essas vivências afetivas tão intensas e conturbadas que eles trazem, possibilitando que, no convívio, a longo prazo, possamos prescindir de intervenções para explicitar os limites. Em outras palavras, o enquadre pode organizar cada um dos momentos do trabalho tanto para os coordenadores quanto para os participantes.

O intervalo para o café merece uma sustentação que não seja tão marcada quanto nos dois outros espaços para possibilitar a espontaneidade nos gestos e nas falas dos participantes. A garantia deste espaço mais solto e menos direcionado pela coordenação assegura que nos outros momentos possa-se trazer informações que ampliem o universo cultural de cada um (livros de artes, cantos-músicas-danças populares afro-brasileiras, história e movimentos da capoeira etc.) na perspectiva de serem apreendidas, poder um dia acontecer espontaneamente nas suas vidas, e o que foi incorporado poder ganhar uma versão peculiar por cada um.

Heterogeneidade

Um dia, em meio a uma desorganização enorme, mas com um acompanhamento mais próximo de um dos coordenadores, um garoto desenhava e pintava um carro cheio de luzes que, seguindo a proposta do ateliê, havia sido criado a partir de uma foto de uma revista. O desenho nos parecia cada vez mais estranho, e era só o ímpeto da ética de nosso trabalho que nos guiava naquele momento, e assim íamos, democraticamente, perguntando a ele com que cor queria pintar e ele ia escolhendo cores variadas que pareciam "sujar" cada vez mais o trabalho; nossos olhos já estavam sofrendo de ter que compartilhar aquela visão. Foi quando resolvemos utilizar nossa técnica e cobrindo com 'máscaras' recortadas em papel sulfite as áreas do trabalho onde o desenho se localizava, pensamos em dar um acabamento 'razoável' para aquele trabalho através de um CONTORNO. Surpreendentemente descobríamos algo naquele momento, descobríamos o trabalho daquele garoto junto a nós, o lugar por onde poderíamos caminhar com ele, uma bizarrice que tomou forma de afeto, porque ficamos todos boquiabertos diante da apreciação daquela obra. Para ele, a afetação não parecia estar na composição do trabalho, não se tratava de um momento especial como era para nós da coordenação, mas de uma continuidade do afeto que o tempo/espaço de estar conosco (coordenação e grupo) potencializou.

Uma das características principais do PACTO, é o trabalho com a heterogeneidade, entendida como o trabalho com a diferença. Entendemos as diferenças,

> *"no sentido daquilo que justamente vem abalar as identidades, estas calcificações de figuras, opondo-se à eternidade. O inatual, o intempestivo. Diferenças que fazem diferença"* (ROLNIK, 1995)[17].

Nesse sentido, vale ressaltar que o grupo não se constituiu segundo uma rubrica diagnóstica ou social, e por isso, a questão das diferenças visíveis e/ou invisíveis tem sido um lugar de trabalho bastante importante. Por

terem suas "diferenças" institucionalizadas esses jovens acabam vivendo e convivendo sempre em grupos muito homogêneos e sob olhares de especialistas: escolas especiais para deficientes mentais, grupos de crianças e jovens de rua, instituições para psicóticos, instituições para surdos-mudos, etc., onde a diferença é homogeneizada e tomada como marca de inclusão na instituição e exclusão do espaço social mais amplo.

Aqui estamos possibilitando a eles a busca de novas inserções, novos circuitos, novas pertinências, novas organizações da sensibilidade, a experimentação do período de muda, de movência, de tentação nômade, principalmente por observarmos o quanto cada diferença é ressaltada no decorrer dos grupos. É como se a adolescência os trouxesse para uma vivência de "lente de aumento". Nada passa em branco, tudo é demarcado, assinalado... Incansáveis no ofício de expor ao máximo de visibilidade e concretude cada diferença e transformá-las em marca, identidade, 'calcificações'. Daí a utilização do referencial da Arte, que tem nos ajudado a buscar dimensões estéticas onde possamos realizar encontros de sutilezas, de diversidade que pode ser diversão, de juntar em torno de um papel várias diferentes mãos e fazer surgir um trabalho, criar um outro, diferente de cada um.

Um momento muito significativo nessa experiência foi a festa de encerramento de semestre (1°sem/99). A beleza que as produções ganharam quando foram preparadas para a exposição; o efeito que a exposição provocou nos participantes do grupo dos adultos e nos acompanhantes e o efeito que este efeito provocou nos próprios jovens; a possibilidade de dançar e brincar com um grupo ampliado...

Evidenciava-se naquele momento o que procuramos neste trabalho de inclusão: uma mistura, um encontro, uma troca. A criação de uma nova sociabilidade.

PERSPECTIVAS

Resultados

A proposta de trabalho oferecida provocou uma grande aderência grupal, um aumento do interesse nas produções culturais próprias e dos outros, um freqüência assídua, uma melhora da saúde dos participantes, uma vivacidade, melhora na qualidade de vida e das relações interpessoais.

O PACTO é um espaço de dupla pesquisa: para nós, técnicos e estagiários, porque pesquisamos novas possibilidades de prática nesse campo fronteiriço, e para os usuários, porque pesquisam novas possibilidades de vida (MECCA, 1998)[9].

A partir de atuações no campo clínico e cultural e de pesquisas anteriores, a idéia de criação do PACTO foi gerada pela necessidade de formulação de uma prática que se instalasse no ambiente universitário.

O projeto passou pela fase de implantação e se consolidou como uma usina de fabricação de novas propostas e formas de atuação e ampliou recursos no campo didático, na pesquisa, proporcionando uma forma de reformulação no âmbito das práticas clínicas e, portanto, uma mudança qualitativa no campo da Terapia Ocupacional.

O PACTO revela-se como um projeto sofisticado e inovador. Inovador porque trabalha com conceitos e práticas novas dentro de um campo fronteiriço entre a arte e a terapia, onde existe não apenas a possibilidade de trocas de saberes mas de produção de novos caminhos, trilhas. Sofisticado porque tem a ousadia de trabalhar assumidamente nesse campo fronteiriço, sem se intitular com algum nome que corporativize ou reduza a complexidade de sua prática. Nesse sentido, participar do PACTO é habitar um território em construção e construí-lo a cada dia, processo no qual a prática precede a teorização (MECA, 1998, p.3)[9].

COSTA, A.L.B., CANGUÇU, D. F., CASTRO, E. D., LIMA, E. A., INFORSATO, E. A., LIMA, L. J. C. The artistic composition and occupational therapy permanent program (PACTO): an attention's proposal in the art-health interface. *Rev. Ter. Ocup. Univ. São Paulo*, v.11, n.2/3, p.45-55, maio/dez., 2000.

ABSTRACT: This paper focus a care proposal in Occupational Therapy for heterogeneous groups using Art and Body resources. The work with these resources leads to a process of groups constitution and social circulation. It cares about create both, extra-institutional practices and a new method of work located in the Art-Health interface. This proposal is part of the activities of the *Art and Body in Occupational Therapy Study and Research Laboratory* from the Occ. Therapy Course of Medicine Faculty - University of São Paulo.

KEYWORDS: Adolescence. Art therapy/methods. Group pratices. Occupational therapy/ trends. Occupational therapy/methods.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

1. ARANHA, C.S.G. *Percursos visuais no acervo do MAC: uma fenomenologia da educação artística.* São Paulo, MAC-USP, 1999.
2. BARBOZA, A. M., org. *Arte-educação: leituras no subsolo.* São Paulo, Cortez, 1997.
3. BENETTON, M.J., *Terapia ocupacional nas ações de saúde mental.* Campinas, 1994. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas.
4. CASTRO, E. D. Arte, corpo e terapia ocupacional: aproximações, intersecções e desdobramentos. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE TERAPIA OCUPACIONAL, 6. Águas de Lindóia, 1999. *Anais.* São Paulo: Associação dos Terapeutas Ocupacionais de São Paulo, 1999.
5. GUATARRI, F. *Caosmose: um novo paradigma estético.* Rio de Janeiro, Ed. 34, 1992.
6. LEME, E.M. *O corpo no processo educativo: uma abordagem fenomenológica.* São Paulo, 1998. Dissertação (mestrado) - Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo.
7. LIMA, E.M.F.A. *Clínica e criação – a utilização de atividades em instituições de saúde mental.* Sào Paulo, 1997. Dissertação (mestrado) - Pontifícia Universidade Católica.
8. LOWENFELD, V. Therapeutic aspects of art education. *Am. J. Art Ther.,* v.25, p.111-46, 1987.
9. MECCA, R. *Relatório de final de estágio de atuação em saúde mental.* São Paulo, PACTO-USP, 1998.
10. ONU. *Normas sobre a equiparação de oportunidades para pessoas com deficiência.* São Paulo, APADE & CVI-NA, 1996.
11. OSTROWER, F. A construção do olhar. NOVAES, A., org. *O olhar.* S. Paulo, Cia das Letras, 1988.
12. PAREYSON, L. *Estética, teoria da formalidade.* Petrópolis, Vozes, 1991.
13. PILLAR, A.; VIEIRA, D. *O vídeo e a metodologia triangular no ensino da arte.* Porto Alegre, UFRGS & Fundação Iodipe, 1992.
14. RAMOS, R. org. *Danças circulares sagradas: uma proposta de educação e cura.* São Paulo, TRIOM, 1998.
15. RASSIAL, J. J. Hipóteses sobre a adolescência. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre – Adolescência,* v.5, n.11, 1995.
16. REY, S. Notas sobre metodologia em artes plásticas. *Anais Assoc. Nac. Pesq. Artes Plástic.,* v.2, p.301-9, 1996.
17. ROLNIK, S. *O mal-estar na diferença.* Anuário Bras. Psicanál. (Rio de Janeiro), v.3, p.97-103, 1995.
18. RUFFINO, R. Adolescência: notas em torno de um impasse. *Rev. Assoc. Psicanal. Porto Alegre – Adolescência,* v.5, n.11, 1995.
19. SARACENO, B. *La fine dell'intratienimento. Manuale di rihabilitazione psichiatrica.* Roma, RCS Libri, 1995.

Recebido para publicação: 16/02/2000
Aceito para publicação: 26/04/2000